

O vaivém sem fim dos migrantes

CORREIO BRAZILIENSE

26 MAI 2000

Só nos quatro primeiros meses deste ano, o GDF embarcou 1.207 pessoas de volta para seus estados de origem

Marcelo Rocha
Da equipe do **Correio**

“O lha moço, não vou dizer que aqui (Sobradinho) está bom, mas lá (Isacolândia, Pernambuco) não tem jeito para vida não.” Faz dois meses que o catador de papel Antônio Miguel de Souza, 46 anos, deixou a cidade natal, mulher e filhos para trás. Na companhia do mais velho, José Silva de Souza, de 21 anos, veio para a capital do país em busca de emprego. Não admite voltar para o lugar de onde veio.

A história de Antônio coincide com a de tantos outros migrantes. E a moral dessa história, para todos eles, é uma só: a lei da sobrevivência. Se o lugar — por mais afetivo que possa ser o vínculo com ele — não oferece condições mínimas de vida, a saída é mudar, encontrar outra morada. E, em busca dessas condições ‘melhores’ de vida, milhares de migrantes chegam anualmente a Brasília.

O Distrito Federal tem uma das maiores taxas de crescimento populacional do país. Anualmente, ela é de quase 3%. Para se ter uma idéia, a média nacional não chega a 2%. Juntamente com Goiânia, o DF forma o perímetro urbano de maior inchaço no país. Os dez municípios goianos que

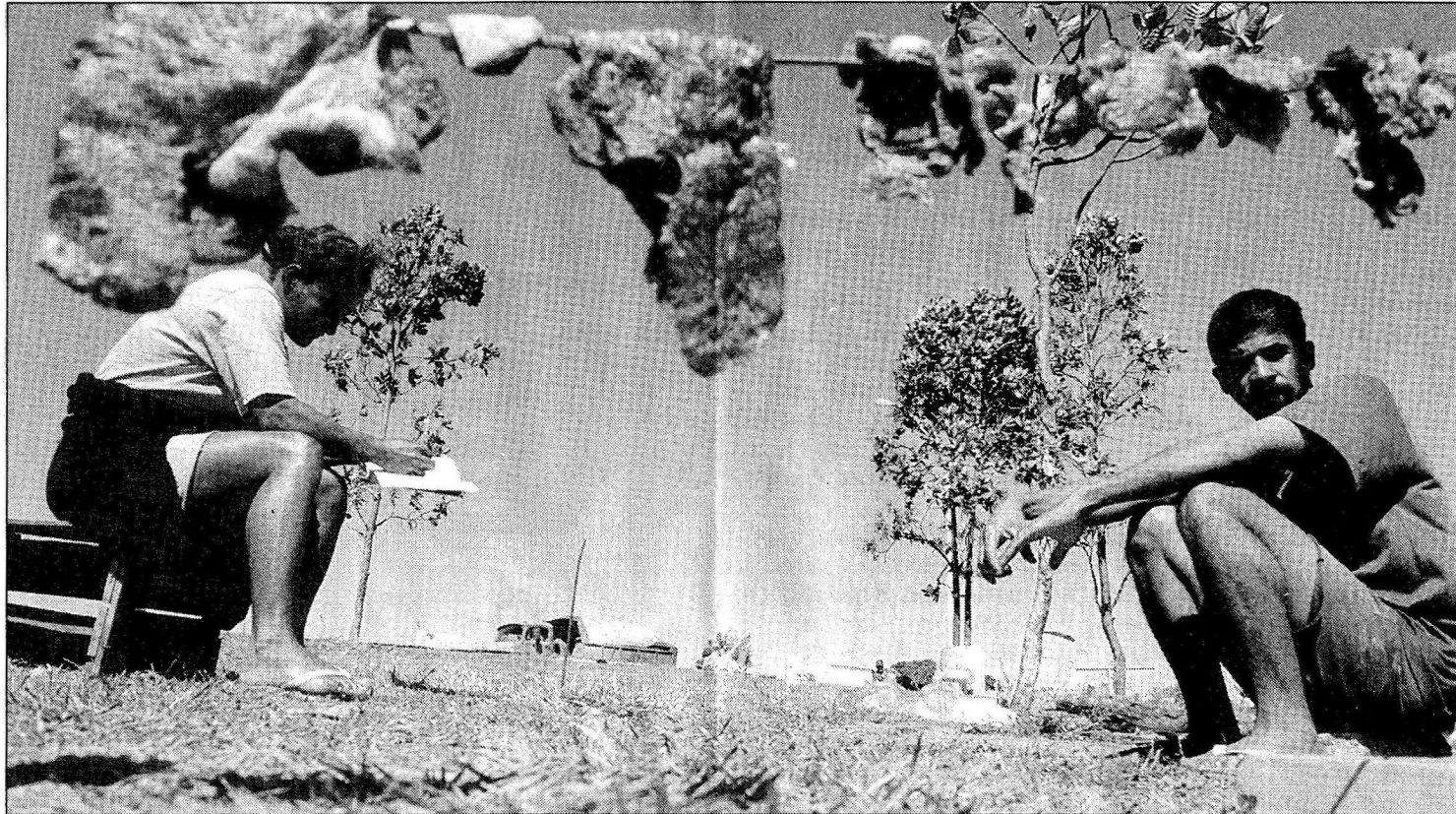
rodeiam Brasília também apresentam crescimento recorde: 7,8%, de 1980 para cá.

O vaivém parece não ter fim. Nos quatro primeiros meses do ano, o Centro de Apoio Social (CAS), órgão ligado à Secretaria da Ação Social do DF, já embarcou de volta aos estados de origem 1.207 pessoas, principalmente para a região Nordeste. “O tempo de permanência dessas pessoas tem sido em média de um mês”, calcula o diretor do CAS, Antônio Joaquim de Souza. No ano passado, o número oficial de migrantes foi de 3.240, contra os 6.197 de 1998 e os 6.105 de 1997.

Mas há gente que veio e não quer voltar. “Não arredo o pé daqui não”, afirma Antônio Miguel de Souza. Para chegar ao DF, Antônio e o filho, José, precisaram trabalhar por duas semanas em João Dourado e mais duas em Mimoso, ambos municípios baianos. “Arranjei uns bicos para poder completar a passagem até aqui”, lembra.

Em Sobradinho, os migrantes estão pelas ruas ou abrigados em pouco mais de vinte barracas localizadas perto do estádio Augustinho Lima; eles também podem ser encontrados sob a ponte do Braguito, no final da Asa Norte; e também nas proximidades da 2ª Delegacia de Polícia, no Setor

Carlos Moura



Cláudia Pereira e João Edson, sob a ponte do Braguito: eles estão pela quarta vez no Distrito Federal atraídos pela generosidade dos brasilienses

de Área Isolada Norte.

Natural de Petrolina, em Pernambuco, a lavradora Rita de Cássia dos Santos, 36 anos, já entrou para as estatísticas de migrantes em Brasília em anos anteriores. Mas, desta vez, ela afirma que é para sempre. “É a quarta vez que venho, mas agora é de vez”, garante.

SOZINHA

A decisão de Rita foi motivada principalmente pela morte do marido no ano passado. Na época, os dois trabalhavam em la-

voura de uva, mas com a morte dele não foi mais possível sustentar a família. “Ficou difícil criar os meninos sozinha.”

Do lixão de Sobradinho, Rita cata latas e papelões com os quais sustenta seis filhos. Consegue arrecadar até R\$ 70,00 por semana, quantia que é superior em muito aos R\$ 100 mensais que recebia em Petrolina, trabalhando diariamente nas lavouras de uva. “E nem todo dia tinha trabalho”, conta.

A fama de que o brasiliense é generoso nas festas de final de

ano foi o que motivou o casal João Edson Lopes, 29 anos, e Cláudia Souza Pereira, 33 anos, a vir para Brasília pela primeira vez, isso há quatro anos. De lá para cá, a história tem se repetido anualmente. “Mas, agora, a fome bateu na porta de casa. A gente não teve alternativa”, justifica Cláudia.

Há 15 dias, João e Cláudia, que dizem ser donos de uma chácara no município goiano de Padre Lúcio, instalaram-se sob a ponte do Braguito. Vivem de esmolas. Emprego? “A gente não tem estu-

do, não tem endereço aqui. Ninguém emprega a gente não”, responde Cláudia.

Na madrugada de ontem, o casal foi acordado por um homem, por volta da 1h30. Receberam dele arroz, feijão e algumas gramas de carne bovina. Aos primeiros raios de sol, Cláudia salgou toda a carne e a estendeu em um varal improvisado. “Nessa aqui, ninguém toca. É para eles (os seis filhos que ficaram na tal chácara)”, brinca a mãe, sem esconder a preocupação e a saudade.